

Ron Perlino
O
POVO
DAS
ÁGUAS

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Dilma Marinho de Carvalho

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436p PEREIRA DE LIMA, Ronaldo. 1974 –
O povo das águas / Ronaldo Pereira de Lima. – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2017.
70 p.: 21 cm.
ISBN: 978-85-5833-243-9
1. Novela 2. Ficção brasileira I. Título

CDD B869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



I



CÍBAR É PESCADOR FAZ MUITO TEMPO. É viúvo, tem duas filhas. Uma delas é divorciada e vive com ele, mas isso não o preocupava. A sua preocupação, na verdade, era com Chico.

Todas às vezes que se lembrava dele, seus olhos ficavam lânguidos e a cabeça quente. A cada dia tinha certeza de uma coisa: Chico definhava. Melancólico, levantou-se do sofá e disse:

— Vânia, minha filha, vou dar uma saidinha pra arejar a cabeça e não sei que horas vou voltar.

Dito isso, pegou o boné que se achava em um cabide, espanou a poeira dele com a mão e só pôs na cabeça quando o pé direito estava fora do batente.



Pela rua estreita e de casas disformes, acenava para os conhecidos, parava para os mais achegados, partilhava cigarros e uma conversa solta; seguindo para seu destino. Chegando ao cais de arrimo, desceu pela escada, foi às margens do Rio e lavou a face.

Tirou a camisa, deixou o chinelo ao lado dela e mergulhou nas águas esverdeadas. Após alguns momentos de regozijo a Mãe d'água surgiu. Tomado pelo susto, tentou sair às pressas do rio, mas ela, delicadamente, estendeu a mão para ele e pediu que esperasse. Cíbar retrucou, dizendo:

— O que você quer comigo? Você e seu companheiro têm virado barcos por tudo que é lugar. Tem muito pescador assustado por aí. E as histórias que falam de vocês não são boas e você quer que eu confie em você?

— Cíbar, nem tudo o que se diz é verdade e não se deve acreditar em tudo o que se ouve.

— Eu escuto essas histórias desde menino, quando meu pai me levava pra pescar com ele. E como é que você sabe o meu nome?

— Cíbar, a gente sabe de muitas coisas. No tempo certo todas as suas perguntas serão respondidas. Só peço que me escute por alguns instantes. Faz tempo que a gente observa a sua preocupação com O Velho, que também é nossa. Então, decidimos em um Conselho que a melhor maneira de tentarmos resolver o problema dele seria através de você. Se não buscarmos uma solução, só nos resta assistir a morte de Chico. Se ele morrer, muita gente morrerá com ele. E eu sei que você não quer que isso aconteça.

— Eu sei que ele não anda bem. Não quero que nada de ruim aconteça com ele, mas eu não sou a pessoa certa para fazer isso. A senhora me desculpe. Além disso, quem vai acreditar que eu conversei com uma criatura do fundo do Rio? Todos vão rir de mim, vão dizer que tô louco e os meus parentes servirão de mangação para os outros.

— Quanto a isso, você fique despreocupado. Enviaremos sinais da nossa existência, da nossa presença milenar nestas águas. A gente só quer que você seja o nosso porta-voz. Esperaremos você hoje, meia noite, na Pedra do Meio.

Dito isso, ela sumiu numa panela d'água. Admirado e assustado com tudo aquilo, ele saiu da água, vestiu a camisa, pôs os pés no chinelo e se foi. O boné ficou largado, esquecido pelo dono.

Carmem, a filha mais velha, o viu apressado. Achou estranho o comportamento do pai e parou ele na porta de sua casa, indagando-lhe:

— Pai, algum problema?

— Não, minha filha. Problema nenhum.

— Não é o que parece. O senhor tá assustado, pálido. Até parece que viu fantasma. Aconteceu alguma coisa lá em casa?

— Não, minha filha. Não se preocupe. Deixe eu ir. Sua irmã me espera e já tá quase na hora do almoço. Fique com Deus!

Carmem nunca tinha visto o pai naquela situação. Comentou com o marido, que nada disse. Ela, então, decidiu revê-lo mais tarde. Queria ter certeza que o pai não teve nenhuma contrariedade.

Anoiteceu. Do quintal, Cíbar contemplava as estrelas, ouvia o coaxar dos sapos, das rãs, o cricrilar dos grilos e não conseguia tirar da cabeça a Mãe d'água

imerso numa panela d'água. A imagem o assustava e ao mesmo tempo aguçava-lhe a curiosidade.

As horas se passavam. O tique-taque o angustiava porque não sabia se iria ou não àquela reunião. E não eram só as criaturas aquáticas que dependiam da decisão dele, as pessoas também. Então, resolveu ir à Pedra do Meio.

Tomou um cafezinho. Pegou o remo, a vela, o balde, o facão, a rede. A filha o advertiu que estava tarde, que ele poderia pegar um resfriado. Cíbar deu-lhe um beijo na frente, abriu a porta e se foi.

Às margens do Rio a Mãe d'água o esperava. Ele entrou no barco e a acompanhou até a Pedra do Meio. Lá, estavam o Nego d'água, o Zumbi-de-caboclo, o Fogo Corredor, a Alma Penada e outras criaturas.

Atordoado, Cíbar disse para si: “Meu Deus, que loucura é essa! Devo tá sonhando ou enlouquecendo”. A Mãe d'água percebeu o quanto ele estava perturbado. Aproximou-se, pegou em sua mão e disse:

— Não tenha medo nem se preocupe, você está entre amigos.

Quando ela resolveu dizer mais alguma coisa, foi interrompida com o vozeirão do Camurupim que emergiu das profundezas. Cíbar quase caiu da canoa de tanto susto. Todos riram dele.

O Nego d'água ergueu a mão e todos silenciaram. Ele, então, deu início a sua fala:

— Irmãos, sei o quanto foi custoso para alguns estarem aqui, mas essa reunião não poderia ser adiada. Espero que sejam compreensivos. As nossas famílias dependem das decisões deste Conselho. Para iniciar nossa reunião, apresento a vocês Cíbar, o pescador. Aquele de quem falei.

— Por que, Senhor das águas, trouxestes um estranho para o nosso Conselho? O senhor não nos comunicou sobre isso, pondo em risco a nossa segurança, ferindo nosso estatuto!

— Nobre Camurupim! Entendo a sua preocupação, seu zelo em nos preservar e proteger. Mas o senhor não compareceu à última reunião deste Conselho, e nela decidimos escolher uma pessoa que estivesse preocupada com a situação do Rio, que dele dependesse, que o amasse além dessa dependência,

que gostasse de se banhar e de estar nele. Fizemos uma busca criteriosa e contamos com a ajuda do Lobisomem, da Caipora e de outros irmãos. O nome de Cíbar foi escolhido por unanimidade.

— Está bem! Se o Conselho decidiu, está decidido. Mas recomendo que fiquemos de olho nele, afinal de contas é um humano e os humanos têm nos causado grandes males, não são confiáveis. Vocês sabem disso!

— Entendo a sua preocupação, mas Cíbar demonstrou ser confiável. Além disso, quem dentre nós nos representaria ante as autoridades humanas? Ninguém. Qualquer um da gente seria tratado com desdém, indiferença, preconceito. Criaturas que deveriam ser capturadas para exposição e experimentos científicos. Isso atrairia os olhares para este Rio e suscitaria longos anos de guerra. Então, o que seria de nós?

— É verdade, Senhor das Águas. É verdade! Esses humanos são difíceis demais. Eles usam a inteligência para se autodestruírem, precisam de regras porque não respeitam a vontade do outro e culti-

vam sentimentos primitivos. Imagine se descobrem as nossas tribos! Que Deus nos proteja, disse o Fogo Corredor.

A Alma Penada levantou-se. Foi aonde Cíbar estava, o envolveu num manto branco, retornou para o seu lugar e proferiu estas palavras:

— Meu Senhor, demais amigos, garanto que Cíbar está limpo. Não há nele vício algum que comprometa a nossa tentativa de salvar o Rio. Entendo a desconfiança de alguns. É natural que se desconfie, pois, trata-se de uma espécie doente e atrasada. Mas deixemos as considerações de lado, os pontos de vista. Vamos nos deter naquilo que é mais importante: a saúde de Chico.

Todos concordaram e decidiram que Cíbar os representaria diante das autoridades. Mas logo surgiram os questionamentos: como trazer o mundo das águas para a superfície da terra sem despertar nos homens o desdém, a cobiça e a fúria? Como fazê-los acreditar em um homem simples como Cíbar, de fala pausada, sem escolaridade, sem riqueza? Certamente seria tratado com escárnio, como um sim-